



COMUNIDADE EM MOVIMENTO

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Frei Ricardo Rainho, O. Carm. Ano XVI - III Série N.º 133 Dezembro 2011

HOJE A LUZ DESCEU DO CÉU. HOJE BRILHA UMA NOVA LUZ.

*Este bebé que vemos numa manjedoura
é Luz e Vida.*

*Jesus dir-nos-á muitas vezes:
“Eu sou a Luz. Eu sou a Vida.
Eu sou a Verdade”.*

*Contudo, esta luz, verdade e vida
existem sem se imporem a ninguém.
Estão ali para quem as quiser acolher.
Chegar à intimidade com Deus
não tem outro caminho senão esta criança.*

*Para escutar a Palavra,
é preciso passar muito tempo calado.*

*Para descobrir a Luz,
é preciso passar muito tempo a olhar.*

*Para ver a Verdade,
é preciso passar muito tempo
a contemplar.*

*É preciso muito tempo de silêncio
para entrever o gérmen da Vida.*



Feliz Natal

BELÉM: O COMEÇO DA GRANDE LOUCURA

É difícil, quase impossível, escrever sobre Belém. Porque, perante esta história de um Deus que se faz menino numa gruta, os descrentes dizem que é uma linda fábula e os crentes vivem-na como se o fosse. Diante deste começo da grande loucura, uns defendem-se com a sua incredulidade, outros com toneladas de açúcar.

Deus é como o sol: agradável, enquanto estamos suficientemente longe d'Ele para aproveitar o seu calor e evitar queimaduras, mas, quem suportaria a proximidade do sol? Quem pode resistir a este Deus que "sai de sua casa" e se mete na vida dos homens?

E só pode o homem abeirar-se d'Ele pela porta da simplicidade. Belém é um lugar não apto para grandes: uma autêntica festa de loucos.

“Enquanto ali se encontravam, chegou o dia de ela dar à luz e teve o seu filho primogénito. Envolveu-O em panos e deitou-O numa manjedoura.” (Lucas 2, 6-7)

Ali estava. Maria e José olhavam para Ele e nada entendiam. Era “aquele bebé” o que o anjo anunciara e o que durante séculos havia esperado? Adoravam-n’O, mas não O entendiam. Aquele bebé era o enviado para salvar o mundo? Deus era onipotente, o menino, só fraqueza. O Filho esperado era a Palavra, aquele bebé não sabia falar. O Messias era “o caminho”, mas este não sabia andar. Era o criador do sol, mas tiritava de frio e precisava do bafo de um boi e de uma mula. Cobrira os campos de erva, mas agora estava nu. Não, não entendiam. Como podiam entendê-lo? Maria olhava e olhava para Ele, como se o segredo estivesse escondido debaixo da pele ou atrás dos olhos. Mas, debaixo da pele, havia só uma carne mais débil que a pele, e, atrás dos olhos, só havia lágrimas, as pequeninas lágrimas de recém-nascido. Sua cabeça de jovem enchia-se de perguntas para as quais não encontrava respostas: se Deus queria descer ao mundo, porquê vir por esta porta traseira da pobreza? Se vinha salvar a todos, porque nascia nesta imensa solidão? E sobretudo, porque a tinham escolhido a Ela, a mais débil, a menos importante das mulheres de Israel?

Não entendia nada, mas acreditava, sim. Como ia Ela saber mais do que Deus? Quem era Ela, para julgar os seus misteriosos caminhos? Além disso, o menino estava ali, como uma torrente de alegria, infinitamente mais verdadeiro que qualquer outra resposta.

Porque, finalmente, nenhum outro milagre espectacular tinha acompanhado este puríssimo parto. Nem anjos, nem luzes. Deus reservava os seus anjos agora para quem precisava, os pastores.

E, no entanto, aquele bebé, que ia começar a chorar de um momento para o outro, era Deus, era a plenitude de Deus. E tinha-se feito homem, homem perfeito. O mundo, que esperava de seus lábios a grande revelação, recebeu, como primeira palavra, um sorriso e o estalido de uma bolha em seus lábios rosados. Esta era, na verdade, a sua grande palavra! Quem teria acreditado neste menino-Deus se tivesse aberto os seus lábios no berço, para nos explicar que Deus era uno em essência e trino em pessoas? O não saber falar era a prova definitiva de que se tinha feito inteiramente homem, de que aceitara toda a nossa humanidade, tão pobre e débil como é. A sua grande revelação não era uma formulação teológica, nem um altíssimo silogismo, mas a certeza de que Deus nos ama, de que o homem não foi abandonado à deriva, após o pecado. Descobríamos, finalmente, visivelmente, que não estamos sós! Deus era amor. E sendo-o, como não entender que aparecesse em forma de bebé? O reinado da loucura tinha começado.

Esta loucura, como é lógico, tinha que escandalizar os “inteligentes”. Mas o Deus verdadeiro é este bebé, envolto nos mais humildes panos, nascido na maior das pobreza. Porque é que a riqueza havia de ser mais digna de Deus do que a humilde simplicidade dos pobres? Já o disse: naquela noite, instaurava-se o reinado da loucura. O bebé do presépio trazia uma nova moeda para avaliar as coisas: o amor. Sabia bem que ninguém acabaria por aceitar totalmente esta moeda nova (seu nascimento numa gruta era já uma demonstração); mas nem por isso seria menos verdadeiro que o amor seria o único verdadeiro valor.

Era-o. Maria sabia-o, embora o não entendesse. Por isso olhava-O e reolhava-O; por isso, abraçava-O, com medo de O aleijar; por isso cantava; por isso ria; por isso rezava; por isso se lhe enchiam os olhos de lágrimas.

Só Maria entenderá esta noite, formosa mais que a aurora. Esta noite em que o Sol eterno pareceu eclipsar-se na carne de um bebé, para se mostrar mais plenamente como puro amor. Mas o mundo estava demasiado ocupado na sua podridão, para descobrir uma alegria tão grande.

CRISE, DISCERNIMENTO E COMPROMISSO

Nota Pastoral do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa

O Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) reuniu em Fátima e pediu uma maior “garantia” de emprego, considerando que o país se deve “mobilizar para responder prioritariamente àquilo que de modo algum pode esperar”.

“É este o caso fundamental do trabalho e do emprego, base indispensável de sobrevivência e dignificação humana; a sua garantia é urgente, mesmo exigindo mais criatividade e solidariedade prática para chegar a todos”, afirmam os bispos, numa nota pastoral intitulada ‘Crise, discernimento e compromisso’.

A taxa de desemprego estimada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) para Portugal subiu para os 12,9 por cento em outubro, o que faz deste valor o quarto mais elevado entre os 34 países da organização.

O Conselho Permanente do episcopado católico português deixa reparos a um “crescimento económico insuficiente, pouco sólido e socialmente desigual”, apresentando quatro “princípios” da Doutrina Social da Igreja como referências para a resposta à crise: dignidade de cada pessoa, bem comum, subsidiariedade e solidariedade.

Para a CEP, “na presente conjuntura nacional” é em torno do princípio da dignidade que se devem “definir e avaliar as políticas concretas, por mais exigentes que sejam”.

Os bispos destacam ainda a “importância dos apoios familiares e das instituições particulares de solidariedade social, tão esclarecedoras do que uma sociedade pode resolver dinamicamente e tanto mais quanto for respeitado e reforçado o princípio da subsidiariedade”.

A CEP observa que “a sociedade portuguesa vive uma conjuntura difícil, que afeta a generalidade dos seus membros e particularmente aqueles muitos que se viram privados de trabalho e de condições económicas suficientes para o bem-estar próprio e dos seus”.

Para os membros do Conselho Permanente da CEP, a atual crise, “fruto de causas internas e externas”, “pode e deve ser ocasião de discernimento crítico”.

Esta breve recordação e partilha de princípios quis apenas oferecer à sociedade portuguesa um contributo teórico-prático para a reflexão que se impõe.

No número sete e último desta Nota Pastoral dizem-nos os nossos Bispos:

“Fomos atingidos por uma grave crise que, sendo económica e social, não deixa de ser cultural e de convicções. Por isso mesmo, além da indispensável ação dos vários corpos sociais e políticos, requer aprofundamento e até mudança no que a cada um mova como expectativa ou ideal, para a vida própria e alheia. E, se o esquecimento dos princípios acima enunciados acompanhou negativamente o nosso percurso recente, a sua recuperação mais convicta dará maior definição e ânimo ao que temos de fazer agora, para um Portugal de todos e para todos.

Significa isto a consciência reforçada de que somos um todo nacional e como que um “eu” coletivo, em que nada se fará sem corresponsabilidade forte, compromisso de pessoas e grupos e solidariedade prática, para salvaguardar e acrescentar um bem verdadeiramente comum. É o Estado o primeiro órgão dinamizador do bem comum, mas é a sociedade no seu todo que o deve vivificar constantemente. Neste momento, os sacrifícios que nos são pedidos e as exigências que nos são apresentadas são de todos para todos, sem dispensar ninguém.

Aproximando-se a celebração do Natal de Jesus, desejamos:

– agradecer e felicitar as pessoas e instituições que, no seu dia a dia ou em certas ocasiões, promovem ações de serviço aos mais necessitados;

– urgir que se converta tudo o que é idolatria do lucro, ostentação e despesismo, em estilos de vida sóbria, em que a partilha seja regra de vida e não uma exceção reservada a generosos;

– pedir que o espírito de fraternidade, a que esta quadra especialmente nos convida, tenha concretizações na ajuda a pessoas necessitadas ou a instituições que as servem;

– recordar que os cristãos são aliados naturais dos débeis e pobres e que estão ao seu lado como seus defensores, amigos e servidores, pois para quem tem fé, ajudar os outros é servir Jesus Cristo e amar o próprio Deus.

Assim, desejar «Boas Festas» será muito mais que uma frase da praxe social; será um propósito de contribuir para que todos tenham vida e vida em abundância.”

Fátima, 13 de Dezembro de 2011

PARA UMA CULTURA DA DÁDIVA

No dia 4 de Dezembro, realizou-se na Paróquia de Famões, um encontro sobre Voluntariado, de forma a apresentar e discutir o documento: “Serviços Paroquiais de Acção Social para uma Cultura da Dádiva – CEPS”. Este documento foi escrito pela Conferência Episcopal Portuguesa, para nós voluntários e futuros voluntários.

O documento surge na necessidade de combater a grave crise social, que nos atinge. “Assim constitui um forte apelo: a examinar e rever os modelos de resposta às dificuldades, a introduzir ajustamentos e a proceder ao incremento de Serviços de Acção Social em todas as comunidades cristãs.”

No encontro, foram feitas as principais referências ao documento episcopal:

* “Objectivos da acção social da Igreja:

a) Serviço directo às pessoas: pobres, doentes, presas, com deficiências, sós ou desintegrados, crianças ou velhos, migrantes ou ciganos;

b) Intervenção na humanização das estruturas sócio-económicas, políticas e culturais, seguindo os princípios da dignidade transcendente da pessoa humana;

c) Participação em processo de desenvolvimento, segundo modelo pautado pela lógica do dom, com dinamização dos cidadãos e em parceria com outras entidades.

“Só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama”
(Bento XVI)

* Princípios operacionais:

1. Proximidade. Inspirado na parábola do Bom Samaritano, o cristão assume um “coração que vê” e aproxima-se de cada pessoa necessitada de ajuda imediata, coopera com ela na busca de soluções, partilha os bens, entrega-se pessoalmente e implica-se na resolução final do problema.

2. Universalidade. Nascida do mandamento novo do amor, vive-se na catolicidade da Igreja a tenção global às situações.

3. Radicalidade. O modo de actuar dos cristãos para enfrentar todos os problemas passa por ir às raízes, ou seja, às causas das diversas situações.

4. Gradualidade. Esta atitude realista dá azo a que os princípios ideias não esmoreçam perante situações brutais.”

Em grupo concluímos, que todas as paróquias tem necessidades diferentes e bens diferentes, e que assim juntas nos podemos ajudar umas às outras.

Fala-se ainda de orientações estratégicas, a estas não irei enumera-las, uma vez que na sua maioria, já são praticadas na nossa paróquia. Foi isto que mais me surpreendeu neste encontro de voluntários da nossa diocese, ver a dimensão de todos os projectos de voluntariado em que comunidade e os grupos, se encontram inseridos, não apenas nós membros da comunidade, mas também em cooperação com as assistentes sociais e todos os voluntários que são sempre bem-vindos. Nem imaginam a dimensão dos nossos “pequenos” gestos, das nossas “pequenas” ajudas.

Posso concluir que, o tempo que dedicamos ao próximo, não é tempo perdido. E que nunca é tarde demais para sermos voluntários, para termos o nosso “pequeno” gesto.

Rute Martins

QUADRA NATALÍCIA - HORÁRIO DAS MISSAS

24 Dezembro - Sábado -

Não haverá Missa das 18h30

25 Dezembro - Domingo -

NATAL DO SENHOR - Solenidade

00h00 - Missa da Meia Noite

10h15; 11h30 e 18h30;

31 Dezembro - Sábado

18h30;

01 de Janeiro - Sábado -

SANTA MARIA MÃE DE DEUS - Solenidade

10h15; 11h30; 18h30;